SEMIÁRIDO VIVO

Coleção de Experiências
DAKI – Semiárido Vivo

CADERNO DE CASOS

SEMIÁRIDO BRASILEIRO

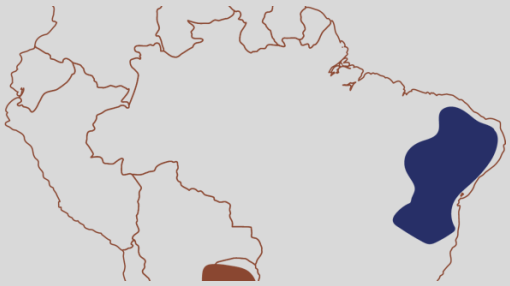
CADERNO DE CASOS
SEMIÁRIDO BRASILEIRO

5

TERRITÓRIO:
ALTO SERTÃO SERGIPANO – SERGIPE

JANEA DA SILVA: AGROBIODIVERSIDADE FAMILIAR E CONSÓRCIOS AGROECOLÓGICOS

REGIÃO SEMIÁRIDA DAKI-SV:
Semiárido Brasileiro



CATEGORIA PRINCIPAL:
Produção Biodiversa

CATEGORIAS COMPLEMENTARES:
Processos de Inovação e Organização Social; Manejo dos Solos

GRUPOS IDENTITÁRIOS:
Mulheres e Jovens

1.DADOS GERAIS

1.1 RESUMO

A experiência da agricultora familiar Janea da Silva Lima e seu esposo José Uilson dos Santos trata-se de um caso que acumula algumas estratégias de convivência com o semiárido com técnicas simples de cultivo dos alimentos. Esta sistematização busca evidenciar algumas dessas estratégias de cultivo diversificadas, que tiveram início em 2004, a partir do momento que a família teve o acesso à água potável por meio do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), e o processo de formação promovido no cerne do programa provocou a família a se envolver com a agenda da produção agroecológica.

Desde então, Janea e Uilson produzem alimentos para o consumo da família dentro de uma área de 10 hectares, sendo que o excedente da produção é doado para a comunidade. Também têm se envolvido com diversos espaços de organização social e projetos, nos quais Janea vem se destacando como referência local. Neste sentido, como pano de fundo desse relato daremos ênfase ao protagonismo de Janea, como mulher que promove um processo de "ruptura do modo de produção convencional" e o amadurecimento na produção de alimentos saudáveis, além de abordar a importância do acesso a políticas públicas de convivência com o semiárido, programas e projetos sociais que fortaleceram a base da produção agroecológica familiar.

1.2 PALAVRAS-CHAVE

Diversificação produtiva; Consórcios agroecológicos, Acesso a políticas; Manejo do Solo.

1.3 LOCALIZAÇÃO

A experiência está localizada no povoado Caatinga, município de Porto da Folha/SE, no Território do Alto Sertão Sergipano, Brasil. A propriedade de Janea fica entre os povoados Lagoa do Rancho (município de Porto da Folha) e Vaca Serrada (município de Monte Alegre de Sergipe), no trecho da Rota do Sertão, distante 149,3 km da capital sergipana, Aracaju.

Mapa 1 – Localização do Território Alto Sertão Sergipano.
Fonte: DAKI-Semiárido Vivo.

1.4 ATORES PRINCIPAIS

A experiência é de base familiar e tem como protagonista a agricultora Janea da Silva e sua família. Dos 11 integrantes, 04 membros da família participam diretamente da experiência, através dos processos de produção de alimentos e criação animal:

- Janea da Silva Lima (46 anos): assume a maior parcela de cuidados com a produção dos alimentos e o cultivo do algodão em consórcios agroecológicos;
- José Uilson dos Santos: contribui com o processo de cultivo dos alimentos, e assume maior cuidado com a criação animal;
- Galileu (filho): envolvido com a criação animal, principalmente de cabras;
- Milena (filha): estudante de agroindústria, tem contribuído com os processos de melhoramento do solo. Está mais envolvida com o projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, visando um processo de amadurecimento da família para a comercialização dos alimentos agroecológicos produzidos no agroecossistema.

Além da família, ao longo de sua trajetória a experiência contou com apoios como o da Equipe Técnica do CDJBC, da ASA, e da articulação com o MPA, que contribuíram de forma significativa para com a ampliação dos horizontes da produção agroecológica e a busca por uma nova forma de produção, não somente da família, mas para o território do Alto Sertão Sergipano.

Além da assistência técnica, a experiência teve acesso aos seguintes investimentos e/ou políticas públicas:

- Programa Um Milhão de Cisternas Rurais: via CDJBC/ASA com apoio do Governo Federal;
- Programa Luz para Todos: via Governo Federal;
- Programa Uma Terra e Duas Águas: via CDJBC/ASA com apoio do Governo Federal;
- Semiárido Produtivo: via IRPAA/BNDES;
- Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos: via CDJBC/Diaconia com financiamento da Laudes Foundation, AKSAAM/FIDA e FUNARBE/UFV.

Imagem 1 – Área da agricultora familiar, Janea (Caatingas, Porto da Folha/SE).
Fonte: Arquivos do CDJBC – Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, 2022.

1.5 ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES

Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC): entidade responsável por implementar a Cisterna de 16 mil litros e a Cisterna Calçadão em parceria com a **Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)**. Além disso, desde 2018 tem sido o parceiro da **Diaconia** responsável pelo desenvolvimento e implantação do Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, prestando assessoria técnica continuada à família, além de contribuir com o processo de fortalecimento das bases da produção agroecológica. O Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos foi financiado (em sua primeira fase) pela Laudes Foundation, Projeto AKSAAM, executado pela FUNARBE da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com financiamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e outros.

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA / BNDES): parceiro que apoiou a família com o projeto Semiárido Produtivo de caprinocultura, por meio da aquisição de caprinos, além de promover um intercâmbio de experiências, e um boletim informativo;

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA): apoio político-institucional, além de ter contribuído com a ampliação da visão política no campo da produção agroecológica da família;

Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE): entidade criada no âmbito do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos que tem contribuído com o fortalecimento da produção familiar e o envolvimento em mercados institucionais.

Associação de Pequenos Produtores Rurais do povoado Caatingas: apoio político-institucional de âmbito comunitário.

1.6 REFERÊNCIA TEMPORAL

ANO	LINHA DO TEMPO
2000	Nascimento de Milena, primeira filha do casal; Envolvimento da Janea com a criação animal e o cultivo de alimentos (roçado) devido às necessidades surgidas com o nascimento de Milena.
2004	Acesso à água potável por meio do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) através do CDJBC.
	Despertar do olhar para a produção agroecológica, provocado pela formação em Gerenciamento de Recursos Hídricos (GRH) do P1MC.
	Conhecimento do Movimento de Pequenos(as) Agricultores(as) (MPA) após a formação em GRH.
2005	Janea passa a fazer parte do MPA a nível de município.
2013	Descontinuidade da política de governo local para apoio aos agricultores(as) e produtores(as) rurais, principalmente em períodos de estiagem prolongada, com a morte do Governador Marcelo Déda.
2014	A família é beneficiada com uma Cisterna Calçadão por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), o que potencializa as estratégias de produção de alimentos.
	Participação de Janea no Intercâmbio do P1+2 em Abel Manto (Serrinha/BA).
2017-2018	Participação no Intercâmbio Encontro de Sementes Crioulas realizado pela COPABAC's em Delmiro Gouveia/Alagoas, através da articulação do MPA.
	Período de estiagem prolongada, com os seguintes danos para a família: • Perda e/ou venda de animais; • Perda da produção (roçado).
2018	Janea torna-se beneficiária do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.
2018-2021	A família passa a ter os primeiros resultados com a produção do algodão agroecológico.
	A família se beneficia com o projeto Semiárido Produtivo (sistematização de experiência em boletim), e tem a oportunidade de conhecer a experiência da Escola Agrícola do IRPAA, junto com a visita à COOPERCUC, em Uauá/BA.
	Participação no processo de formação do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.
	Recebimento de intercâmbios e/ou visitas da EMBRAPA, do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Semiárido Produtivo e da Diaconia, devido a área da família ser uma Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa – UAP no âmbito do Projeto Algodão.
	Criação da ACOPASE e participação da Janea na Diretoria da entidade.
	Formação Acadêmica das Filhas: • Agroindústria (Milena); • Agronomia (Maialy); • Zootecnia (Ially).

1.7 OBJETIVOS

Ampliar a produção de alimentos saudáveis para o consumo da família, preservando e ampliando os princípios da agroecologia.

1.8 DESAFIO

A prática da família da Janea contrapõe-se ao modelo de produção que se tornou comum em quase toda a produção agrícola na região semiárida sergipana: a monocultura e criação bovina. Esta realidade promove o desmatamento e a desertificação no território, tornando os solos improdutivos devido ao intenso uso de venenos agrícolas, e contribui para o aumento das irregularidades das chuvas e a elevação da temperatura. Além deste desafio, unem-se os desafios próprios do território onde está localizada a experiência, que são: o fator climático, com chuvas irregulares característico da região semiárida; e, a questão da hidrografia, sem distribuição de água ordenada e regular para as comunidades e assentamentos locais.

1.9 DIMENSÃO RESILIENTE

A produção familiar apresenta um diferencial no cultivo de alimentos através da diversificação dos consórcios agroecológicos, saindo do modelo mais comum na região semiárida que é a aplicação do consórcio com milho e feijão. Durante o plantio, a família consorcia todo tipo de cultura (milho, feijão, sorgo, melancia, abóbora, macaxeira, fava, caxixe, cana de Angola e outros), o mesmo repete com o plantio do algodão. Além disso, a família aproveita toda a folhagem e restos dos cultivos no solo, evitando a inserção de qualquer interferência química, o que tem demonstrado uma qualidade do solo que sobressai as famílias da comunidade que produzem a base de agrotóxicos, o que evidentemente tem contribuído para a resiliência climática do agroecossistema.

Diante do exposto, é evidente que a experiência familiar é uma experiência de resiliência climática, não somente pelo modelo de produção sem interferência química, mas principalmente pelas práticas de manejo de solo e consórcio de culturas.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A experiência está localizada em Porto da Folha, no território do Alto Sertão Sergipano, região que traz um histórico complexo devido dois componentes de extrema relevância: o fator climático, tem o bioma caatinga como predominante e com chuvas irregulares por estar na região semiárida além de ter longos períodos de estiagem; e, a questão da hidrografia da região, pois o território está cercado pelo Rio São Francisco, mesmo assim, não há distribuição de água ordenada e regular para as comunidades e assentamentos[1].

O município tem uma área total de 877,3 km², com altitude de 60m, precipitação pluviométrica média de 751,85 mm por ano, considerando-se os meses de março a julho como período chuvoso e com IDHM de 0,568 (considerado baixo)[2]. A economia baseia-se no setor de serviços e na criação do gado de corte e produção do leite[3]. No que se refere à produção agrícola, o município tem maior cultivo de feijão, mandioca, melancia e milho

[1] Perfil Territorial. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_008_Alto%20Sert%C3%83%C2%A3o%20-%20SE.pdf, acessado em 02/11/2021.
[2] Município de Porto da Folha. SEPLANTEC/SUPES/ASPLAN/EMDAGRO, 2019, disponível em: https://www.emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Porto-da-Folha.pdf, acessado em 05/04/2022.
[3] Municípios e Economia – Porto da Folha. Disponível em: https://al.se.leg.br/municipios-e-economia-porto-da-folha/, acessado em: 15/05/2022.

(grão), segundo dados da EMDAGRO (2019), não possuindo incentivos de nenhuma instância de política pública que instigue a produção de outras culturas agrícolas, como por exemplo, a produção de hortaliças.

Segundo dados do SAF/MDA (2015)[4], Porto da Folha registra uma média de 2,361 de estabelecimentos de agricultura familiar, no entanto, o que predomina é o modelo de produção convencional que tem gerado, historicamente, a dependência de uso insumos químicos, a degradação do solo de forma exacerbada, e o aumento da contaminação da água. Este processo tem sido estimulado por um pacote de investimentos ofertados pela política de crédito rural que as famílias agricultoras acessam via banco, ou mesmo, por intermédio das prefeituras ou o INCRA (para os casos de famílias assentadas).

Assim como os demais municípios do território, Porto da Folha, foi um dos municípios que recebeu na última década, grandes investimentos via Política de Governos que buscavam fortalecer as bases da agricultura familiar, visando as especificidades da região. Segundo Santos (2014), em 2008 há uma transição nos moldes de pensar a política territorial, inclusive em sua nomenclatura, deixando de ser chamados de território rural para territórios da cidadania. Esses investimentos passaram a ser articulados entre os ministérios, buscando integrar as políticas públicas e seus atores, além da evidente necessidade da interlocução entre as esferas Federal, Estadual e Municipal, que por diversas vezes falhou durante os processos devido a "sobreposição de políticas ou esforços para desenvolver uma política única" (SANTOS, 2014).

Dentre essas políticas e investimentos implantados no território, pode-se lembrar de: Programa Água para Todos; Programa Água Doce; ações de revitalização da bacia do São Francisco; Reforma Agrária; Projeto Dom Helder Câmara (PDHC); Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Ovinocultura (EMDAGRO); Projeto Micro Bacias Hidrográficas (EMDAGRO), Arranjo Produtivo da Pecuária de Leite (EMDAGRO); Programa de Distribuição de Sementes (EMDAGRO); e, outros.

Nesse contexto, as Organizações da Sociedade Civil e Movimentos Sociais do território do Alto Sertão Sergipano tiveram um papel fundamental com os avanços na implantação dessas políticas, principalmente na inserção de Tecnologias Sociais para a Convivência com o Semiárido e com a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), uma vez que reunidas em Colegiado, encaminhavam às diversas esferas públicas as demandas necessárias para o território.

No caso específico da família de Janea, este papel de identificação se deu por meio da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e do Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC) que identificaram a insuficiência de recursos hídricos na comunidade Caatingas e na circunvizinhança, sendo então implantadas as primeiras Cisternas de Placas de 16.000 litros (provenientes do Programa Água para Todos), o que provoca uma série de mudanças na família aqui referenciada.

Os investimentos em programas sociais e políticas públicas implantadas no território do Alto Sertão Sergipano contribuíram para uma mudança na qualidade de vida das famílias que delas foram beneficiadas, seja devido ao acesso à água e à terra, seja pelas políticas de habitação rural, educação, saúde, assistência social e outras que fortaleceram as bases da agricultura familiar. Inclusive da família da Janea que, além de acessar, lutou para que outras famílias de sua comunidade e adjacências fossem também beneficiadas.

[4] Perfil Territorial. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_008_Alto%20Sert%C3%83%C2%A3o%20-%20SE.pdf, acessado em: 02/11/2021.

2.2 HISTÓRICO

Janea é uma agricultora familiar casada com o Seu Uilson, filha de Jorge Pereira Lima e de Dona Maria Dias da Silva. Seu pai e sua mãe tiveram 7 filhos e 5 filhas, mas somente Janea permaneceu na luta com a terra, motivada pela história de vida de seu pai: um conhecido cancioneiro engajado com a luta da terra e do território entre as décadas de 70 e 90, a partir de um trabalho desenvolvido pela Diocese de Propriá, sendo uma fonte de inspiração para a filha. Mesmo quando a agricultora não se via dentro do processo de produção agroecológica, ela sentia que precisava fazer algo para dar continuidade àquilo que fora desempenhado com tanto sacrifício pelo seu pai e companheiros(as) de luta.

A agricultora conta que **"por eu ser a filha mais nova, acabou que meus irmãos e irmãs iam para o trabalho na roça, e eu ficava em casa para os cuidados domésticos"**, lembrando que por volta dos seus 13 ou 14 anos, a única coisa que gostava de fazer era "tirar o leite do gado, amansar os garotinhos e as bezerrinhas", não gostando de trabalhar com a terra e nem com a cria dos animais, até mesmo pelo fato de ficar sempre cuidando dos afazeres da casa.

Casou ainda jovem, mas somente aos 25 anos teve esse despertar para a lida com o trabalho no campo, após sua mãe chamar a atenção que ela precisava dar sentido à própria vida e buscar fazer algo pela família, afinal, Janea já tinha a primeira filha e aguardava a segunda, e somente Uilson trabalhava com a terra. Ela conta que sua mãe disse assim "seu prato quebrou, é preciso de trabalhar", e a partir daí a agricultora passou "a plantar não gostando, a criar porco não gostando, porque era preciso para o sustento da família".

A situação financeira da família não era boa, e essa "chamada" de sua mãe leva-a ao despertar sobre as necessidades a serem enfrentadas. A princípio, essa relação se dá muito mais por uma necessidade do que por um encantamento com o trabalho com a terra, ou seja, foi uma questão de sobrevivência que impulsionou a agricultora a ir se descobrindo no trabalho com a roça, mas, sobretudo, a lutar pelo direito de uma alimentação saudável e pelo acesso à terra.

Nesse ínterim, a comunidade Caatingas é contemplada pelo Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) da ASA, por meio de um processo de mobilização social realizado pelo CDJBC, e a família da Janea é também beneficiada. A conjuntura contribui bastante para um maior despertar da agricultora para a produção camponesa, devido ao processo de formação realizado em 2004.

A participação na capacitação em Gerenciamento de Recursos Hídricos (GRH) foi um divisor de águas, por toda a provocação que o curso proporciona e que levou a família a um processo de reflexão profunda. Além disso, já havia a marcante presença de Seu Zé Antônio (membro da equipe técnica do CDJBC) que fazia toda uma discussão sobre a necessidade de a comunidade se auto organizar e buscar se envolver com as lutas e os movimentos sociais do território. É justamente essa provocação que leva a agricultora a querer conhecer o Movimento de Pequenos(as) Agricultores(as), o MPA.

Poucos dias depois, o MPA realiza uma apresentação das ações do movimento, buscando fortalecer sua base na comunidade, tendo o apoio do CDJBC nesse processo de mobilização. Após a reunião, Janea se envolve e integra o MPA no município de Porto da Folha. A partir dessas ações, Janea começou a cultivar alimentos buscando obter uma produção diversificada, pois como gostava de algumas culturas, resolveu plantar com variedade, e, aos poucos foi ganhando gosto pelo trabalho do campo, se envolvendo com os movimentos sociais, e logo depois, passa a integrar a Associação de Pequenos Produtores Rurais do Povoado Caatingas.

Imagem 2 – Janea e Uilson no roçado em consórcio agroecológico. Fonte: CDJBC/Diaconia.

Seu Uilson recorda que a família nunca foi de utilizar veneno na sua produção antes de entrar no movimento, mas lembra também que chegaram a utilizá-lo na palma (*Opuntia cochenillifera*). Quando perceberam que não era necessário, resolveram acabar com o seu uso, mesmo assim ele reforça que "nunca foi utilizado veneno em nenhum tipo de cultura produzida para o consumo da família, até porque nunca fomos a favor do uso de veneno agrícola". O casal lembra que o envolvimento com a ASA e o MPA ampliou sua consciência, despertando para a necessidade de romper com aquilo que poderia ser insignificante para muitos (como uso de veneno na palma), o que mais tarde é reforçado com a chegada de novos projetos e ações, onde se pautam a soberania e segurança alimentar e nutricional.

A família relata a importância da cisterna adquirida, que contribuiu bastante para os momentos mais delicados de escassez de água no território do Alto Sertão, onde a estiagem costumava levar à perda da produção animal de inúmeras famílias agricultoras. Este fato também ocorreu com a família da Janea e Uilson, porém com um efeito mais brando, justamente pela presença da cisterna Calçadão que nunca secou. Nesse sentido, a família de Janea consegue passar por estes períodos com menos impactos negativos em comparação às famílias do território, que tiveram redução na produção de alimentos, perda de animais de criação, ou mesmo precisaram vender alguns animais para manter o necessário de acordo com a disponibilidade de água na propriedade, evitando um prejuízo maior.

Ao longo de sua trajetória a família foi beneficiada por outras políticas públicas como o programa Luz Para Todos e o Minha Casa e Minha Vida. A família entende que estes avanços se deram por uma conjuntura política favorável ao trabalho desempenhado pelas Organizações da Sociedade Civil e dos Movimentos Sociais, que

identificavam demandas e levavam para discussões territoriais, fortalecendo assim, o acesso à essas políticas pelas comunidades rurais e assentamentos de reforma agrária. Cabe destacar que em 2022, a família relata possuir ainda galinhas derivadas do chamado Projeto Produtivo que recebeu na época, durante a implementação do Programa Uma Terra e Duas Águas.

Em dezembro de 2013, o então Governador do Estado Marcelo Déda Chagas (Déda) faleceu, o que a família considerou uma enorme perda para os(as) agricultores(as), pois durante os mandatos de Déda existia uma política emergencial para o enfrentamento à "seca". Criou-se, assim, uma grande lacuna na política de governo voltado para a população semiárida, visto que essa ausência vem ano após ano sendo sentida pela população rural, como ficou evidenciado em 2018, um ano muito seco e com grande perda da produção rural do estado. Durante o Governo Déda, a cada seca era lançada uma Política Emergencial, mas atualmente (2022) o Estado e o Município estão alinhados à política de governo federal, com ausência de investimentos para as populações rurais e do semiárido.

Durante a gestão Déda, diversas ações de minimização aos efeitos prolongados da estiagem foram implantadas em Sergipe, como o Bolsa Estiagem e o Garantia Safra. Além destes, foram registradas ações de distribuição de água potável no estado (Carro Pipa), manutenção de poços e barragens, auxílio a produção de forragem para os rebanhos, distribuição de sementes[5], sendo importante ressaltar que, enquanto liderança comunitária (via associação) e da coordenação do MPA municipal, Janea teve um papel fundamental no diálogo e alcance desses benefícios às famílias do município de Porto da Folha, inclusive de sua comunidade.

Além disso, importante em sua trajetória foi a chegada do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, que retoma práticas de cultivo por vezes abandonadas pelas famílias e, ao mesmo tempo, traz uma perspectiva de trabalho coletivo por meio de núcleos de Unidades de Aprendizagem e Pesquisa Participativa – UAPs. O projeto tem como principal objetivo o fortalecimento da expansão do algodão consorciado com culturas alimentares, forrageiras e de adubação verde, buscando a certificação orgânica participativa, além de buscar parcerias em prol do fortalecimento dos Sistemas Participativos de Garantia (SPGs) e Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPACs). Os OPACs são associações certificadas em entregar o Selo Orgânico Brasileiro aos produtos produzidos nos consórcios, neste caso, aproximando os(as) agricultores(as) ao comércio justo e orgânico. Em Sergipe, o OPAC responsável por esse processo é a Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE).

Nesse contexto, Janea passa a ser referência enquanto Agricultora Multiplicadora coordenando um dos núcleos, justamente pela sua prática já consolidada, mesmo sem possuir uma ATER continuada. Estes núcleos tornam-se, assim, um espaço também para intercâmbios de experiências no âmbito do Projeto Algodão, como os que ocorreram entre 2018 e 2021 com a EMBRAPA, o Instituto Federal de Sergipe (IFS) e a Diaconia. A agricultora absorveu de tal forma a experiência e aprendizagens proporcionadas no âmbito das formações do projeto Algodão, que as aplicou em sua propriedade e conseguiu multiplicá-las junto a UAP que coordena, atraindo a outros(as) agricultores(as) para compor o núcleo e mudando seus modos de produção. Inovou também o processo, ao conseguir implementar um Fundo Rotativo Solidário (FRS) no núcleo.

[5] Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/governo/governador-apresenta-medidas-de-enfrentamento-a-seca-que-somam-r-89-milhoes-em-poco-redondo#, acessado em 20 de maio de 2022.

Toda essa experiência familiar, despertou em 03 filhas do casal o interesse em buscar uma formação voltada ao campo, que por sua vez, pode vir a contribuir com o fortalecimento e sustentabilidade do agroecossistema[6]. Janea e Uilson relatam que as filhas sempre estudaram, sem a necessidade de dividir o tempo dos estudos com o trabalho na roça, diferentemente da realidade vivida pelo casal quando criança, onde andavam léguas para buscar água em açudes, limitando o acesso ao ensino. Para a família, isso só foi possível devido aos avanços na política de convivência com o semiárido implantada nas últimas duas décadas no cenário nacional e estadual. Mesmo sem terem a necessidade de trabalhar na terra, as filhas conhecem como fazer todo o processo de produção do agroecossistema.

Um fator bastante relevante e interessante no processo desta experiência é perceber que dos 08 filhos do casal, todos(as) tiveram a oportunidade de estudar, pois o casal prioriza o acesso à educação para o filho e filhas, entendendo que "esta é uma contribuição do campesinato, mesmo precisando de muita contribuição na roça e na criação dos animais, precisamos fazer com que eles estudem e tenham acesso à educação", como afirma Janea.

A evidência da sucessão rural no seio da família da Janea é um destaque, uma vez que sua prática envolve a filha Maialy (estudante de agronomia) e o filho Gabriel, participantes diretos das ações produtivas. Segundo Janea, a filha Maialy sempre que volta para a comunidade, contribui com algum processo no roçado, principalmente com os resultados da produção do algodão agroecológico. Já o filho Gabriel, está envolvido com todo o processo no campo, principalmente com a criação animal. Gabriel está em idade escolar, mas tem um gosto muito grande com a criação animal e com as questões ligadas a infraestrutura do agroecossistema. Além disso, sempre pede um espaço próprio para criar seus animais e fazer seu próprio roçado, uma vez que já possui meia tarefa de terra plantada.

Além deles, também há o interesse da filha Ially, que estuda Zootecnia, mas tem o desejo de fazer Biologia para retornar ao agroecossistema e aprimorar as práticas desenvolvidas pela mãe, dando continuidade à produção agroecológica e consorciada. Por fim, por outro lado, há também a filha Milena que está se formando em Agroindústria, porém pretende se formar também em Direito e exercer a Advocacia.

Diante desse contexto de perdas e conquistas enfrentados pela família, a experiência de Janea está alicerçada nos princípios da agroecologia. Em uma área de produção e criação animal de 27 tarefas, a família tem como estratégia o cultivo de culturas de forma consorciada, e em rotação de culturas, além de criar gado, galinhas, porcos e ovelhas.

2.3 DESCRIÇÃO TÉCNICA DE PRÁTICAS/PROCESSOS

Na **criação animal**, a família tem como estratégia o cultivo da palma e o estoque de silagem, o que garante o sustento dos animais no período de estiagem. É somente em situações específicas que a família recorre a aquisição externa de ração.

Na **produção dos alimentos**, o diferencial está no modo de fazer o consórcio agroecológico, pois diferentemente das demais famílias da região - que plantam o milho consorciado com o feijão -, a família da Janea tem o hábito de incluir diversas culturas, pois acredita que essa diversificação traz uma riqueza maior para o solo,

[6] Cabe refletir ainda, que o Campus universitário mais próximo da Universidade Federal de Sergipe (UFS – Campus Sertão) oferta apenas cursos ligados a questões agrárias, o que evidentemente influencia na escolha da juventude local e, de certa forma, pode vir a limitar a busca e escolha por outras áreas de formação aos jovens que não se identificam com o campo.

contribuindo para uma produção mais qualitativa. É importante destacar que na experiência não se utiliza nenhum tipo de defensivo agrícola.

Toda sua produção é realizada em consórcios, sendo cultivados: milho, feijão, sorgo, melancia, abóbora, macaxeira, fava, caxixe, cana de Angola e outros. Além disso, pensando em evitar perda do solo, a família ao longo da trajetória utiliza algumas técnicas que corroboram com a produção, como: manejo do solo com a inserção de cerca viva; curva de nível; adubação verde e com esterco; biofertilizante; entre outras que serão aprofundadas no tópico seguinte. É importante frisar que a Janea não comercializa os alimentos produzidos na propriedade, a agricultora opta por doar, comercializando somente o que é proveniente da criação animal e o algodão beneficiado.

Os **consórcios agroecológicos** de Janea dentro do Projeto Algodão, são um importante destaque. Conforme mencionado anteriormente, o projeto está alicerçado na produção agroecológica do algodão, com a orientação da técnica do plantio consorciado. Esta técnica consiste na inserção de vegetais e outras culturas de mista/alternada. A técnica de Rotação de Culturas pode ser melhor observada no campo a seguir "Estágios de Implementação", contudo, o que difere o consórcio da Janea dos(as) demais agricultores(as) do projeto, é a inserção de várias culturas: o que a agricultora tem de cultura vegetal disponível, ela integra ao algodão. Esta forma produzir, observando princípios agroecologia e tendo total autonomia sobre o roçado (sem nenhum tipo de interferência externa), é que leva Janea a se tornar uma mulher referência para o projeto.

O projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos promoveu ainda a criação da ACOPASE e a mesma instituiu um **Caderno de Campo** que se refere ao Sistema Participativo de Garantia (SPG), uma forma de avaliar/acompanhar a conformidade orgânica das unidades familiares, contribuindo com seu fortalecimento. O Caderno de Campo é uma metodologia utilizada pela SPG/ACOPASE como medida que auxilia no processo da certificação orgânica, ou seja, cada agricultor(a) faz o controle de toda a sua prática produtiva.

Dentro do projeto, a propriedade da Janea foi escolhida para ser uma Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAP), devido ao modo de produção realizado pela agricultora, o que a levou a fazer um processo de construção coletiva com um grupo de agricultores(as) que ficou sobre sua responsabilidade. Janea realiza o acompanhamento das formações no Núcleo Transformação do qual é a Agricultora Multiplicadora. Metodologicamente, ela optou por realizar encontros mensais – todo primeiro domingo do mês -- para a realização de atividades práticas, além de discutir coletivamente o plano de manejo e o caderno de campo com o núcleo. Essas ações são para promover processos de inclusão e seguir o protocolo da ACOPASE, além de propagar as formas de como manejar e desenvolver os roçados agroecológicos, ação que chama a atenção de outros(as) agricultores(as) que não atuavam com os processos agroecológicos e orgânicos e passam a participar do grupo.

Por fim, também como demonstração das inovações protagonizadas pela agricultora, apenas o núcleo sob sua coordenação tem implementado um **Fundo Rotativo Solidário** (FRS). Janea pensou na constituição desse fundo com o objetivo de fortalecer as estratégias de participação do próprio coletivo, e/ou adquirir insumos para os cultivos, trazendo mais autonomia ao grupo. Cabe lembrar que o fundo rotativo não é uma exigência do projeto Algodão, mas sim faz parte de um fazer metodológico da agricultora, bem como os dias de campo e momentos presenciais que foram implementados no grupo. A partir do núcleo, pode-se considerar que a experiência sai da dimensão familiar de Janea, para atingir mais 16 famílias, incluindo comunidades e municípios do território do Alto Sertão Sergipano.

Imagem 3 – Formação do Grupo do projeto Algodão. Fonte: CDJBC/Diaconia.

2.4 ESTÁGIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Para a implementação da experiência, destacam-se as práticas: a Rotação de Culturas, implantação da Cerca Viva, Curva de Nível, Adubação Verde e o Fundo Rotativo Solidário.

1. Rotação de Culturas:

A rotação de culturas é uma prática agrícola aplicada em alternância de terra de forma planejada com a implantação variada de cultivos vegetais, exemplo: divide-se uma tarefa de terra em 3 grandes faixas, prepara o solo para o plantio na primeira faixa, depois faz o plantio com milho, feijão, fava e/ou outros vegetais que tenham o mesmo tempo para colheita, enquanto isso, a terra da outra faixa vai sendo preparada para o plantio após a colheita da primeira, e o se repete com a terceira faixa. O intervalo de plantio entre cada faixa de terra, serve para descanso e recuperação do solo, sendo importante destacar que no caso da experiência aqui sistematizada, toda a folhagem do cultivo, fica sobre o solo servindo de cobertura verde. A prática contribui para evitar o desenvolvimento de pragas e doenças devido à alternância de espécies de plantas hospedeiras.

2. Manejo do solo com a inserção de cerca viva:

A experiência é feita com a inserção de Marmeleiro e Caatingueira, servindo para quebra de vento, em locais altos ou abertos demais, além de evitar o excesso de raios solares. O espaçamento entre as espécies nativas é feito a partir do objetivo, mesmo assim, a família destaca que quem for replicar a experiência, é preciso deixar um espaçamento mínimo de 2 metros entre as espécies.

3. Manejo do solo com a inserção de Curva de nível:

A curva de nível, técnica utilizada para conter voçorocas e combater erosão do solo, além da contribuição da quebra do vento. É feito um espaçamento de cova a cova de aproximadamente 1 metro para realizar o plantio, sendo que as leiras acabam "promovendo a formação de um microclima favorável para a sobrevivência da micro e mesofauna, que possuem importante papel na polinização e dispersão de sementes" .

4. Adubação verde e com esterco:

A experiência conta com a produção e aplicação de biofertilizante natural, com o intuito de melhorar a qualidade dos cultivos, fazendo o controle de pragas e doenças.

Para produzir o biofertilizante, a agricultora utiliza os seguintes materiais/produtos:

- 1 bombona (recipiente) de 100 litros
- 2 kg de açúcar mascavo
- 500 gr de rapadura
- 2 litros de leite cru
- 2 kg de pó de rocha
- 15 kg de esterco verde
- 2 litros de urina de vaca
- 2 kg de capim sempre verde (misturado com pau ferro e outras ervas do mato)
- 200gr de Nim

Após, é só completar com água (80 litros) e vai mexendo todos os dias (ao final da tarde). O recipiente precisa ficar com uma capacidade para fermentação, por isso não se deve completar o recipiente com a água.

4.1 Modo de uso/aplicação:

Após 30 dias (se o roçado já estiver no ponto de passar o biofertilizante), a agricultora enche uma garrafa de 2 litros e distribui entre os(as) agricultores(as) que compõem o grupo.

É importante frisar que a cada 2 litros do biofertilizante deve ser acrescido 18 litros de água em outro recipiente, e somente depois, se aplica na folhagem.

4.2 Manejo para o plantio:

A cada tarefa (250m²) de terra é aplicado 130 kg de esterco de gado em faixas.

5. Fundo Rotativo Solidário:

O Fundo Rotativo Solidário (FRS) é considerado uma Tecnologia Social criada para contribuir com o fortalecimento da agricultura familiar e as diversas formas de fazer a Economia Solidária, assim, funciona semelhante a uma poupança, onde o recurso é recolhido e guardado. Processo este que é gerido coletivamente para ações e finalidades definidas por determinado coletivo. O fundo pode ser financeiro ou não. No caso da experiência da Janea, é um fundo com recursos financeiros e tem servido de reserva para o grupo de interesse (Núcleo Transformação) no âmbito do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.

Os recursos que são arrecadados pelo fundo são destinados para compra de materiais e insumos para fortalecimento das atividades do núcleo, bem como, foi pensado para, se em algum momento, houver a

necessidade de participação de membros do coletivo em ações formativas ou mesmo de reuniões do grupo, e algum membro não possuir recursos próprios naquele momento para participação, utiliza o recurso do fundo. No fundo se arrecada uma contribuição de R$10,00 por cada membro do grupo, recursos que são acessados na medida em que o grupo precisa. No entanto, para a produção dos insumos (como por exemplo o biofertilizante), o grupo utilizava a estratégia de cada membro levar um item do que é necessário (exemplo: açúcar, rapadura, chichi da vaca, capim).

Abaixo, segue esquema funcional do FRS:

1. Reunião do Núcleo e aprovação do FRS;
2. Definição do valor de contribuição;
3. Recebimento das contribuições ao Fundo;
4. Planejamento do uso do recurso (somente para situações de necessidade, ou mesmo, para atividades coletivas);
5. Utilização do recurso;
6. Prestação de contas ao grupo.

2.5 RECURSOS NECESSÁRIOS

Para a execução da experiência são necessários recursos materiais e humanos.

Recursos Materiais: para a execução da experiência são necessários recursos materiais que são disponibilizados na própria área do agroecossistema. No entanto, algumas infraestruturas foram implantadas com o apoio de projetos, como por exemplo a: Cisterna de 16 mil litros, a Cisterna Calçadão e construção de aprisco.

Recursos Financeiros: a experiência contou com recursos próprios para ampliação da área da propriedade e com recursos dos distintos projetos e políticas acessados.

Recursos Humanos: a experiência é toda realizada pela família, tendo a participação direta de Janea e Uilson, além de seu filho Gabriel. Os demais membros da família contribuem de forma irregular.

2.6 RESULTADOS E IMPACTOS

A experiência de Janea ainda é considerada recente diante de outras já consolidadas no território do Alto Sertão. A agricultora passa a se envolver com as questões organizativas após a implementação da cisterna de 16 mil litros em sua propriedade (2004), e com a conquista da Cisterna Calçadão (2014), ela aumenta a sua produção de alimentos no roçado, com o aumento da capacidade hídrica do agroecossistema.

Mas é, sobretudo, a consciência ambiental para a produção de alimentos saudáveis a sua grande conquista: utilizando-se de ações produtivas e práticas de manejo do solo, a partir do acesso à água, ela consegue ampliar sua visão sobre o acesso às políticas públicas para sua comunidade, o que a leva a buscar as melhorias necessárias. Assim, alcança também o P1+2 que cria condições de melhorias na produção do alimento da família, aumentando a qualidade de vida da mesma. Neste sentido, a consciência e o despertar para o trabalho com a agroecologia, torna-se um dos principais resultados da experiência, visto que o processo de implementação da cisterna para consumo humano é que provoca a Janea para o plantio de alimentos em consórcios, reforçando assim, a perspectiva de uma produção saudável.

No que tange aos processos desenvolvidos no âmbito do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, mesmo sendo uma experiência recente, a prática utilizada pela família já atraiu outras famílias do território para sua replicação, além do êxito alcançado com a criação do Fundo Rotativo Solidário, que tem servido de reserva para o grupo de interesse.

É importante pontuar a formação acadêmica de 03 filhas do casal em áreas de interesse no desenvolvimento rural, o que é fruto do trabalho desempenhado pela família para que o acesso à educação fosse possível para as filhas e o filho. Entende-se como resultado ainda, a afirmação da jovem Ially que percebe no modo de produção utilizado pela família "um avanço tecnológico", pois o trabalho com "veneno vai enfraquecer o solo cada vez mais, fazendo com que o solo fique tão fraco que não produza mais alimentos". A forma com a qual a mãe trabalha, sem veneno e introduzindo práticas de adubação verde e manejo de solo, deixa-o mais forte e fértil segundo a filha.

Desse modo, o maior resultado da experiência é o potencial da Janea enquanto Agricultora Multiplicadora, sua motivação e transformação, uma vez que não tinha gosto para o trabalho na roça, e a partir das experiências vivenciadas passa a se empoderar com a lida no campo, tornando-se defensora da Agroecologia e assumindo, assim, o protagonismo da produção agrícola da família. Além disso, torna-se uma referência para o projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, devido a sua condução e fazer pedagógico, e inclusive inova o processo com a criação do Fundo Rotativo Solidário.

Imagem 4 - Roçado em consórcio agroecológico. Fonte: CDJBC/Diaconia

2.7 MECANISMO DE VALIDAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência tem se tornado referência e ganhado destaque no território do Alto Sertão Sergipano, a partir do envolvimento da família no projeto Algodão em Consórcio Agroecológico. Mesmo sendo uma experiência rica em estratégias para o cultivo de culturas e conservação do solo, a mesma estava muito restrita ao conhecimento da comunidade. Nos últimos anos, ela tem sido palco de intercâmbios e ações desenvolvidas por parceiros do CDJBC/Diaconia, do MPA, como por exemplo, Universidades e a EMBRAPA.

3. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

3.1 INOVAÇÃO E/OU PROCESSOS DE APRENDIZAGEM INOVADORES

A experiência é considerada uma inovação local pela resistência protagonizada pela família, diante de uma realidade que não valorizava a produção agroecológica e incentivava Janea e Uilson a produzirem com uso de agrotóxicos. Mesmo com esse estímulo, a família optou por criar estratégias e descobrir maneiras de fortalecer seu modo de produção livre dos venenos agrícolas.

Além disso, dentro do projeto Algodão, a agricultora começou a trabalhar com um grupo de interesse com 7 agricultores(as), e ao longo do processo, motivados(as) pela metodologia utilizada pela agricultora, o grupo cresceu para 16 agricultores(as) que resolveram mudar sua forma de produção. Metodologicamente, Janea realiza todo primeiro domingo do mês uma reunião do grupo, com uma atividade prática, rever o plano de manejo e o caderno de campo.

Durante estes momentos, o grupo acabou criando um Fundo Rotativo Solidário para ficar como reserva e arcar com as despesas do próprio grupo, diminuindo a dependência de recursos da ACOPASE. Essa prática, foi motivando famílias e assim o grupo foi crescendo, permanecendo com os princípios agroecológicos.

3.2 FATORES DE ÊXITO

Deve-se exaltar nesse processo, o início de participação social da Janea e sua família, com processos de organização social. Assim também, faz-se importante reforçar algumas das conquistas da família, alcançadas a partir da articulação da Janea, e/ou de políticas públicas que foram implementadas e tiveram de algum modo a participação da agricultora, a partir do seu envolvimento com o MPA. Neste sentido, se evidencia também o protagonismo feminino e a luta de Janea para o alcance dessas conquistas, o que a colocam como referência da UAP.

Assim, elencamos:

- Acesso a água (cisterna de 16 mil litros e cisterna calçadão);
- Acesso à energia elétrica (Programa Luz Para Todos)
- Acesso a moradia (Programa Minha Casa e Minha Vida)
- Projeto Produtivo – caprinocultura;
- Processos formativos via intercâmbios de experiência;
- Acesso à educação das filhas;
- Projeto algodão em consórcios agroecológicos;
- Acesso à saúde;

- Sistematização Experiências;
- Participação em Organização Social.

Cabe ainda ressaltar a capacidade de resiliência do grupo ao criar um Fundo Rotativo Solidário (criado para suprir as demandas que surgem no processo), diante da ausência de políticas públicas e investimentos das prefeituras do território no apoio à agricultura familiar e o pouco recurso do projeto.

3.3 LIMITAÇÕES

Foram identificadas algumas limitações que perpassam desde a limitação hídrica, até os processos de aprendizagem e de visibilidade da experiência. São estes:

- Para a família um limitante foi a pandemia, visto que o projeto Algodão estava iniciando, sendo os primeiros momentos no território a partir da realização de intercâmbios. Assim, com a ausência e/ou diminuição destes, não foi possível que a experiência se ampliasse, bem como a interrupção da Assistência Técnica nos últimos anos, com a falta de continuidade em investimentos de políticas públicas.
- A mudança no cenário do governo também foi apontada, já que houve um enfraquecimento dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, que têm esse papel de formação e diálogo nas bases das comunidades, mas foram enfraquecidos(as) pela ausência de investimentos em políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar, e portanto, há um enfraquecimento da experiência da famílias, assim como de outros no território.
- É importante lembrar ainda que a experiência da família sempre ficou muito restrita a ela mesma, sem buscarem divulgar. A família praticamente ficou fechada em si mesma, mesmo estando dentro do MPA. O que possivelmente foi influenciado pela situação da família não possuir interesse em comercializar aquilo que é produzido na propriedade (plantado). Tudo o que é cultivado serve para o consumo da própria família ou doado na comunidade, tendo um despertar para divulgar a experiência somente com a chegada do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.

3.4 LIÇÕES APRENDIDAS

Todas as ações desenvolvidas no âmbito da experiência são consideradas como aprendizados importantes para os(as) agricultores(as) familiares, sendo de fácil propagação. A princípio, houve um estranhamento por algumas famílias à experiência, mas ao se aproximarem dos processos, aos poucos foram também mudando suas práticas.

Para a filha Ially, estudante de Zootecnia, o pai e a mãe precisam se organizar melhor no campo, planejando melhor o criatório animal, evitando o trabalho de alugado que o pai ainda desenvolve em outras propriedades da região. Ially afirma que é necessário **"investir um dinheiro para ajeitar e comprar um 'bacurezin' de engorda, um carneirinho, porque quando a gente precisar de um dinheiro rápido, a gente tem, porque não é só de roça que se vive, é preciso se organizar no campo".**

Sua reflexão sobre a experiência dos pais é de extrema importância por se tratar de um olhar da juventude que busca melhorias para o campo, e pela possível sucessão, uma vez que a filha visa repensar o desenho da propriedade, na perspectiva de que seja mais auto sustentável. Tudo isso, respeitando os princípios da agroecologia e sendo economicamente viável, o que rompe inclusive com o modelo muito comum na região que é criar gado para corte.

3.5 SUSTENTABILIDADE DA EXPERIÊNCIA

A experiência é de fácil aplicação, pois utiliza materiais que geralmente já existem na própria natureza (como é o caso do Marmeleiro, Caatingueira ou outras leguminosas utilizadas para as cercas vivas), ou mesmo a técnica de curva nível, prática já conhecida no território e que é de fácil adaptação para qualquer região. Além disso, o preparo do biofertilizante também é de fácil manuseio e aplicação, assim como, a aplicação do Fundo Rotativo Solidário (FRS).

3.6 REPLICAR E/OU ESCALAR

A experiência contribui para a mudanças de paradigma no âmbito da produção agroecológica, visando a sustentabilidade dos recursos naturais e ambientais em um território que culturalmente tem a monocultura do milho e a criação bovina como principais atividades agrícolas, mesmo diante da situação climática, contando ainda com o incentivo do agronegócio com a forte inserção de agrotóxicos nas lavouras. E neste sentido, é importante destacar que a experiência é resistente a todo o contexto territorial, buscando sempre ampliar os olhares para a produção de mais culturas em uma área onde 100% da produção de alimentos é cultivada livre de venenos agrícolas. Mesmo sendo uma experiência recente, já é considerada uma referência para o território com capacidade de multiplicação.

Cabe lembrar que, a experiência do Núcleo do projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos coordenado pela Janea inicia com 07 agricultores(as), passando para 16 agricultores(as), mesmo diante de um cenário pandêmico, vez que, as famílias têm buscado replicar o método de consórcio de diversificação com o máximo de culturas na busca de melhorar a qualidade do solo e dos alimentos.

3.7 CONTRIBUIÇÃO PARA AMPLIAR A RESILIÊNCIA ÀS MUDANÇAS DO CLIMA

O desmatamento, os monocultivos e a criação bovina na região semiárida, tem colaborado negativamente com as mudanças climáticas, vez que aumenta a quantidade de áreas descobertas e desprotegidas, consequentemente aumentando a infertilidade do solo, o que gera a elevação da temperatura, a escassez de recursos hídricos, afetando diretamente a produção de alimentos.

E diante desse cenário que afeta a região semiárida, as técnicas utilizadas nesta experiência, representam um avanço em modelos de recuperação dos solos, de recuperação e conservação da área produtiva. Além de possuir pouquíssima interferência na área de caatinga, integrando as ações das áreas naturais e produtivas, possibilitando o processo de restauração natural mais eficaz se comparado aos métodos convencionais.

3.8 CONCLUSÕES

A experiência da Janea se consolida a partir de um processo de encontro e amor para com o campo, seus produtos e a defesa das populações que nele vivem. Este processo se inicia quando Janea se percebe como agricultora, a partir da formação em GRH e do acesso à água, com colaboração da ASA/CDJBC. Após seu primeiro processo formativo, Janea inicia seu envolvimento com o MPA, no qual compõe a direção do movimento em seu município, e a partir daí protagoniza uma luta em defesa dos direitos das mulheres e homens do campo, uma luta por acesso a água, terra, trabalho, educação, e alimentação saudável.

Sempre envolvida com processos de formação política para fortalecer o campesinato, tem sua história sistematizada no Projeto Semiárido Produtivo, e participa de diversos intercâmbios de experiências que contribuíram para o melhoramento de sua prática enquanto agricultora. No ano de 2018, sua prática torna-se a

referência para outros(a) agricultores(as) no projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.Neste momento, Janea se reconhece como Agricultora Multiplicadora, e sua experiência passa a ser foco de intercâmbios e estudos, principalmente devido às inovações que ela introduz em seu agroecossistema com um cultivo bastante consorciado, e também, no fazer metodológico do projeto.

Por fim, reforça-se o olhar da juventude através da filha Ially, sobre as experiências do pai e da mãe, visto todo o processo que ambos desempenham no seu agroecossistema, seja o voltado para as culturas cultivadas, seja para a criação animal. Toda a produção de alimentos é pautada na soberania, segurança alimentar e nutricional, o que é um "avanço tecnológico", pois o modo de produção, hoje utilizado, tem retirado das famílias o poder sobre a qualidade de seus alimentos.

4. DEPOIMENTOS

"Eu acredito ser interessante trabalhar com o campo principalmente sem utilizar veneno, porque a maneira com que meus pais trabalham contribui para conservar o solo. E isto é um avanço tecnológico para a área do campo, a maneira como mexem com a terra, sem o veneno é uma coisa que vai enraizar. Porque trabalhar com veneno vai enfraquecer o solo cada vez mais, fazendo com que o solo fique tão fraco que não tenha mais condições de produzir os alimentos. E esta questão de não trabalhar com veneno, deixar o solo mais forte e fértil, então eu vejo como avanço tecnológico e que se trabalhar na coletividade, vai crescer e mudar muito a comunidade e a forma de produzir".

Ially, estudante de Zootecnia e filha de Janea e Uilson.

"Janea é uma agricultora multiplicadora e está como Tesoureira da ACOPASE. Uma mulher que vem se desafiando a cada dia para desenvolver o que acredita, e principalmente fortalecer a agricultura familiar. Nessa caminhada se entrelaça com o ser mãe, esposa e agricultora junto com seus compromissos sociais, vem desenvolvendo com sabedoria a multiplicação dos saberes no âmbito da certificação orgânica e controle social"

Bayne Ribeiro Dória Santos Tavares, Engenheira Agrônoma e Assessora Técnica da área.

5. FONTES

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Godofredo Vieira de. Mais Nordeste pela Cidadania: Desenvolvimento da Agricultura Familiar nos Territórios da Cidadania de Sergipe. EMDAGRO, 2015.

FALCÓN, Maria Lúcia (organizadora). Sergipe 2000-2013. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

MUÑOZ, Alejandro Muñoz; PINTO, Fábio de Almeida; NASCIMENTO, Carolina Gomes (Organizadores). Plano de Desenvolvimento Regional do Estado de Sergipe. Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2017.

Perfil Territorial. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_008_Alto%20Sert%C3%83%C2%A3o%20-%20SE.pdf, acessado em 02/11/2021.

Municípios e Economia – Porto da Folha. Disponível em: https://al.se.leg.br/municipios-e-economia-porto-da-folha/, acessado em: 15/05/2022.

Município de Porto da Folha. SEPLANTEC/SUPES/ASPLAN/EMDAGRO, 2019, disponível em: https://www.emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Porto-da-Folha.pdf, acessado em 05/04/2022.

Governo apresenta medidas de enfrentamento a seca. Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/governo/governador-apresenta-medidas-de-enfrentamento-a-seca-que-somam-r-89-milhoes-em-poco-redondo#, acessado em 20 de maio de 2022.

MENDONÇA, Gabriel Vargas; FERREIRA, Osmar Alves; e, ARAÚJO, Alexandre Siqueira. Curvas de nível verve como técnica de nucleação para recuperação de áreas degradadas. Disponível em: https://www.conexaomineral.com.br/noticia/273/curvas-de-nivel-verde-como-tecnica-de-nucleacao-para-recuperacao-de-areas-degradadas.html, acessado no dia 31/05/2022.

SANTOS, Carmen Lúcia. Políticas Públicas de desenvolvimento no Território do Alto Sertão Sergipano: entre a governança e a sustentabilidade. Orientador José Wellington Carvalho Vilar – São Cristóvão, 2014.

Outras Fontes:

Boletim de Experiência do Projeto Semiárido Produtivo (Tema: Água e conhecimento melhoram qualidade de vida da agricultora).

Relatório Anual de Atividades – 2007 -2010. EMDAGRO, 2010.

Relatório Anual de Atividades – 2011 -2014. EMDAGRO, 2014.

Relatório Final: Serviços de Consultoria para Capacitação de Agricultores familiares e técnicos colaboradores em gestão de recursos naturais. EMDAGRO/SEMARH, 2019.

Imagem 5 - Residência da Família, em visita técnica da UFS. Fonte: UFS/CDJBC/Diaconia.

Sistematização finalizada em agosto de 2022.

SEMIÁRIDO VIVO

O **Projeto DAKI – Semiárido Vivo** é uma iniciativa de Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul entre regiões semiáridas da América Latina, com foco na ampliação da resiliência dos povos e comunidades dos semiáridos aos efeitos das mudanças do clima. Centrado nas regiões do Grande Chaco Americano (Argentina), Corredor Seco da América Central (El Salvador) e Semiárido Brasileiro, o projeto atua identificando conhecimentos acumulados em experiências de agricultura resiliente ao clima, para criar pontes e intercâmbios entre boas práticas e seus protagonistas, e desenvolver capacidades técnicas através de processos de formação. A ação é financiada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), coordenada por duas redes da sociedade civil - Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a Plataforma Semiáridos da América Latina -, e executada por um consórcio de organizações sociais: AP1MC (Semiárido Brasileiro), FUNDAPAZ (Argentina) e FUNDE (El Salvador).

A sistematização de experiências é um dos componentes do projeto DAKI-Semiárido Vivo, que tem como objetivos identificar, organizar, dar visibilidade e compartilhar aprendizagens sobre experiências e boas práticas sustentáveis e mais resilientes às mudanças climáticas, nas três regiões de atuação do projeto. Respeitando a riqueza de contextos, atores, natureza e modos de vida que compõem os semiáridos, os processos de sistematização se deram de modo articulado e heterogêneo, partindo da diversidade dos territórios para a interseção proposta pelo DAKI-Semiárido Vivo. Nesse sentido, cada região desenvolveu metodologias e processos de sistematização próprios, que seguiram critérios e categorias comuns, adaptados aos contextos locais. Estes processos seguiram as seguintes etapas: levantamento e identificação de experiências; sistematização em profundidade; produção de materiais e intercâmbios de conhecimento. Este material é resultado do processo de sistematização em profundidade, que gerou a Coleção de Experiências DAKI-Semiárido Vivo e com seus respectivos Cadernos de Casos.

No Caderno de Casos do Semiárido Brasileiro, o processo seguiu uma lógica de enraizamento territorial, na qual foram definidos 5 territórios prioritários para desenvolvimento dos processos de sistematização: Serra da Capivara no Piauí, Sertão do São Francisco na Bahia, Alto Sertão Sergipano, Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte e Norte de Minas Gerais. Estes processos foram liderados por organizações de referência em cada um dos territórios, fortalecendo os arranjos territoriais e conhecimentos locais. Foram identificadas, selecionadas e sistematizadas 25 experiências (5 em cada território). As metodologias de sistematização seguiram diferentes caminhos e processos participativos, realizados pelas organizações responsáveis: Rio da Vida, visitas de campo, grupo focal, análise FOFA, dentre outras práticas que permitiram a participação e análise dos protagonistas sobre os processos vividos.

PUBLICAÇÃO
Metodologia, Elaboração e Texto
Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC)
Edição e Revisão
Esther Martins
Projeto Gráfico
André Ramos [AR Design]

EQUIPE PROJETO DAKI-SEMIÁRIDO VIVO
Coordenação Geral e Coordenação Semiárido Brasileiro
Antonio Barbosa
Coordenação Grande Chaco Americano
Gabriel Seghezzo
Coordenação Corredor Seco da América Central
Ismael Merlos
Gerência de Sistematização de Experiências
Esther Martins
Coordenação Pedagógica
Júlia Rosas
Gerência de Monitoramento e Avaliação
Eddie Ramirez
Gerência de Comunicação
Livia Alcântara
Acompanhamento técnico, metodológico e de produção de conteúdo
Juliana Lira e Lara Erendina Andrade
Apoio Administrativo
Maitê Queiroz
Equipe de Monitoramento e Avaliação
Aníbal Hernandez e Daniela Silva
Equipe de Comunicação
Daniela Savid, Florencia Zampar e Nathalie Trabanino

Metodologia, elaboração e texto

CDJBC

DAKI Semiárido Vivo

Plataforma Semiáridos América Latina

ASA Articulação Semiárido Brasileiro

Proyecto ejecutado por

funde Fundación Nacional para el Desarrollo

FUNDAPAZ Fundacion para el Desarrollo en Justicia y Paz

AP1MC Associação Programa Um Milhão de Cisternas para o Semiárido

Financiado por

FIDA Investindo nas populações rurais